



MITOS SOBRE LÍNGUA DE SINAIS – DISCUSSÕES COM ALUNOS DE MEDICINA E FONOAUDIOLOGIA

Carolina Hessel Silveira - UFRGS¹

Resumo: O trabalho surgiu de experiência com alunos de Medicina de uma IES privada e de Fonoaudiologia de uma IES pública, ambas do RS, que cursaram a disciplina de Libras. Propôs-se um trabalho em que, depois de os alunos lerem um texto de Quadros, Pizzio & Rezende (2009) com 6 mitos sobre Língua de Sinais, deveriam escolher 3 e responder à seguinte questão: “Com relação aos mitos sobre línguas de sinais, quais destes você percebe que as pessoas em geral acreditam mais? Relate sua experiência com três dos mitos apresentados”. Foram analisadas 62 respostas e o objetivo do trabalho foi analisar os mitos sobre línguas de sinais identificados como mais fortes na sociedade. Observou-se que os mitos assim identificados foram o de número 2 (universalidade das línguas de sinais), com 51 ocorrências, o mito 5 (línguas de sinais como derivação da comunicação gestual espontânea dos ouvintes) com 35 ocorrências, e o mito 4 (a língua de sinais como um sistema de comunicação superficial), com 27 ocorrências. Concluindo, pode-se dizer que a discussão da análise dos mitos propostos mostrou a importância tanto da inclusão da disciplina de LIBRAS em cursos que preparam futuros profissionais da Saúde, como a relevância de maiores esclarecimentos sobre Libras à sociedade.

Palavras-chave: Libras – Ensino de Libras – Ensino Superior

Situando o trabalho

Com a lei 10.436/2002 e sua regulamentação, pelo Decreto-Lei 5.626, de 22/11/2005, ocorreu a inclusão do ensino de Libras no currículo de alguns cursos, como as licenciaturas e curso de Fonoaudiologia, como disciplina obrigatória, e em todos os cursos do ensino superior, como optativa. Desde então, aos poucos a disciplina vem sendo introduzida nas instituições de ensino superior de todo o Brasil e isso vem mudando o conhecimento de Libras pela sociedade mais ampla.

Isso acontece porque o desenvolvimento da disciplina possibilita, além de um conhecimento básico de Libras, o contato com a cultura surda e a discussão de algumas crenças sobre Língua de Sinais e sobre os surdos. O conhecimento da cultura surda e das características da Língua de Sinais tem como objetivo fazer com que os alunos, futuros profissionais da área de educação e saúde, por exemplo, estejam mais preparados para encontros e interação com pessoas surdas.

¹ Professora Assistente FACED/UFRGS

Dentro desse contexto, está o presente trabalho. Ele surgiu de uma experiência com alunos de Medicina que frequentam uma universidade privada no Rio Grande do Sul e com alunos de Fonoaudiologia que frequentam uma universidade pública também no mesmo estado. Os dois grupos cursaram a disciplina de Libras. Como professora de Libras da turma, ao final do semestre, depois de todo o desenvolvimento do plano de ensino, propus um trabalho escrito, a partir da leitura de um texto de Quadros, Pizzio & Rezende (p.11, 2009) em que são apresentados seis mitos sobre Língua de Sinais. Pedi que eles escolhessem três mitos e respondessem à seguinte questão: “Com relação aos mitos sobre línguas de sinais, quais destes você percebe que as pessoas em geral acreditam mais? Relate sua experiência com pelo menos três dos mitos apresentados”. Foram analisadas 62 respostas de alunos da Medicina e Fonoaudiologia – 32 de Medicina e 30 de Fonoaudiologia, respostas escritas em textos que eram de 1 ou 2 páginas digitadas.

O objetivo deste texto, então, é analisar quais mitos sobre línguas de sinais, dois grupos de acadêmicos de Medicina e Fonoaudiologia identificam como mais correntes na sociedade. Também tem a finalidade de analisar quais experiências pessoais foram lembradas e narradas em tal contexto, em relação a esses mitos. Nesse sentido, o trabalho colabora para a compreensão mais ampla das representações que a sociedade em geral tem de Libras e, também, dos surdos e da cultura surda.

Relembro, inicialmente, para melhor compreensão do texto, que os seis mitos apresentados foram: 1 – A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos; 2 – Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas; 3 – Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais; 4 – A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e lingüisticamente inferior ao sistema de comunicação oral; 5 – As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes; 6 – As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Análise das respostas dos alunos

Observou-se uma notável concordância de respostas entre as duas turmas, apesar de pertencerem a cursos e universidades diferentes. Assim, os mitos que foram identificados como mais generalizados foram o de número 2, com 51 ocorrências; o mito 5, com 35 ocorrências, e, em terceiro lugar, o mito 4, com 27 ocorrências.

O conceito de que existe uma língua de surdos universal parece, pois, ser uma crença generalizada na nossa sociedade e é consequência do desconhecimento da natureza das línguas de sinais. É comum que até pessoas que tenham contato com surdos e que eu encontro pensem que a língua de sinais é universal, não somente alunos no curso de Medicina. Na minha própria experiência, quando fui me hospedar em um albergue em San José – Costa Rica, há quatro anos, tinha uma recepcionista jovem argentina que sabia várias línguas faladas que foi me atender. Nós nos comunicamos pela e alguns gestos; notei que ela expressou alguns sinais conhecidos. Perguntei se ela sabia Língua de Sinais e ela me respondeu que havia aprendido num curso na Argentina (Língua de Sinais Argentina). Ela pensava que se tratava de uma língua universal e depois descobriu que não era.

É importante reiterar que a Língua de Sinais não tem um caráter universal, já que cada país possui sua própria língua, que, no caso do Brasil, é a LIBRAS. Porém, para cada estado do Brasil, existe uma variação da língua, ou seja, um dialeto próprio, acontecendo que até mesmo as cidades de um estado, como aqui no Rio Grande do Sul, podem apresentar diferenças, porém pouco relevantes. O contato dos surdos entre si em lugares como associações, escolas e demais locais onde possam participar, trocando conhecimentos de LIBRAS (já que possuem níveis de desenvolvimento variados), enriquece a cultura surda, pois, como já foi dito, cada lugar possui sinais próprios. Também o alfabeto manual é diferente entre os países; por exemplo, o alfabeto manual brasileiro é parecido com o de outros países, como Estados Unidos e França, pois foi influenciado pelo alfabeto francês. Já o alfabeto manual em Portugal é completamente diferente do brasileiro. Alguns países, como Inglaterra e Austrália usam alfabeto manual com duas mãos; na Argentina usa-se uma mão, duas mãos e até usa-se o rosto e o corpo (tórax).

Em relação ao mito 5, os alunos, em sua maioria, mostraram a generalização de tal crença, que está relacionada à opinião de que as línguas de sinais são apenas gestos amplificados. Efetivamente, há alguns sinais que são semelhantes aos gestos, mas isso não

pode ser generalizado. Assim, gestos que são comuns das pessoas faladas em nossa cultura, como o gesto de *DORMIR*, não fazem parte de LIBRAS, em que o sinal correspondente é completamente diferente. Assim, cria-se a expectativa de vários ouvintes de que, quando fossem aprender LIBRAS, aprenderiam logo, por já terem o conhecimento de vários gestos, mas isso não acontece. Outro exemplo de discordância está entre o gesto usual de *CHORAR* que é completamente diferente do sinal em LIBRAS.

Para focalizar o mito 4, que afirma que as línguas de sinais são limitadas aos conteúdos concretos e são inferiores às línguas faladas, os alunos referiram opiniões correntes de que nessas línguas só é possível se falar de objetos e ações concretas, por exemplo. É comum até pessoas que trabalham na área de Educação de Surdos ou escolas de surdos pensarem desta maneira, acontecendo que vários professores reduzem o conteúdo ao ensinar para surdos porque pensam que não existem sinais para explicarem. Neste sentido, autora Sá (2006, p. 296) fez análise de respostas dos professores na escola de surdos, quando perguntou se os professores concordavam ou discordavam da seguinte afirmação: “Para que o ouvinte trabalhe como professor de surdos é necessária a competência técnico-profissional e essa se manifesta primordialmente pela capacidade de utilizar a língua de sinais.” Vejamos três respostas dos professores (SÁ, 2006, p. 297):

Discordo em parte. Isto é fundamental. Todavia, se o professor não tem esta formação, mas tem amor e dedicação, consegue realizar um bom trabalho.

Discordo em parte. Você pode trabalhar com surdos desde que a escola se incline para a oralização. Competência técnico-profissional sim, mas não necessariamente apto em língua de sinais.

Discordo. Quando se trabalha desde as primeiras séries, a língua de sinais não é prioridade.

Observa-se, pelas respostas, que “amor e dedicação” ou uma opção da escola em oralizar parecem “resolver” a questão da educação de surdos, sugerindo que não se precisa de língua de sinais, pois ela seria inferior à língua falada.

Para a discussão dos mitos, os alunos trouxeram experiências passadas e presentes, em espaços bem variados. Assim, algumas respostas foram fundamentadas em experiências na própria universidade, em relação a uma colega surda, assim como em instituições destinadas ao cuidado de saúde, com surdos pacientes ou acompanhantes de pacientes. Também houve referência à rede social Orkut, na internet, já que, como se sabe, os surdos se tornaram

usuários frequentes dessas redes sociais. Um relato interessante foi da aluna que atribuiu tais mitos, em parte, à existência da interpretação na TV: “quando vemos pela televisão algum programa que possua um intérprete em tempo real para a Língua de Sinais, às vezes vemos que a pessoa que usa a língua falada usa uma frase ou toda uma expressão que é traduzida com apenas alguns poucos sinais”. A própria aluna critica este entendimento.

Trago algumas justificativas escritas de alunos sobre mito 2, que constitui crença generalizada da sociedade. Observem:

“Haveria uma única e universal língua para todos os surdos do mundo. Tal crença mencionada era também, para mim, fato verdadeiro e inquestionável. Porém, à medida que conhecemos um pouco mais sobre os surdos e sobre sua história, mitos desmistificam-se.”

“Durante as aulas de LIBRAS foi possível perceber que esse é um mito muito comum.”

“Já havia pensado se a nossa Língua de Sinais seria igual à de outros países e, assim, nas aulas de LIBRAS, aprendi que cada país tem sua própria Língua de Sinais.”

“Essa ideia só se desmistificou no primeiro dia de aula da disciplina de LIBRAS.”

“Seria muito prático realmente pensar em uma “língua universal”, mas uma língua universal não tem raízes, não possui uma história de um povo de uma nação não traz consigo a cultura. Sendo assim ao pensar que os surdos a Língua de Sinais é uma língua universal, traz subentendido que os surdos não possuem uma cultura que a Língua Brasileira de Sinais traz consigo.”²

“Aprendi na aula que essa é uma ideia errônea.”

“Eu mesma acreditava nesse mito, que foi desmistificado apenas ao cursar a cadeira de Libras e creio que só acreditei nisso por falta de conhecimento.”

“Muitas pessoas, acreditam que a Língua de Sinais é universal. Há quem nem se dê conta do real significado de LI-BRA-S. A surpresa para mim foi ainda maior quando eu soube que a Língua de Sinais difere muito em cada idioma.”

“Pude presenciar alguns colegas comentarem que acreditavam que a segunda afirmativa era verdadeira.”

“No ensino médio, estava conversando com minhas colegas de aula sobre os surdos. Uma delas me disse que a única vantagem de ser surdo é que eles podem viajar para outros países e se comunicar com qualquer pessoa do mundo.”

“Antes de conhecer a Língua Brasileira de Sinais eu achava que todos os surdos do mundo poderiam se comunicar facilmente sem a necessidade de um estudo prévio da Língua de Sinais do país para onde se vai.”

² Não foram feitas correções gramaticais nas respostas dos alunos.

“A professora deu como exemplo em aula “qual é o motivo de o Brasil e a Argentina não terem a mesma língua oral?”. Isso foi mais do que suficiente para mim entender o motivo pelo qual as línguas de sinais são diferentes.”

Observa-se, assim, que a maioria dos alunos descobriu que LIBRAS não é universal na própria aula de Libras e dizem que tiveram poucas informações anteriormente sobre mitos sobre línguas de sinais. Nota-se que existe pouca divulgação de informações sobre Libras. No começo da disciplina, alguns alunos já questionavam por que a língua de sinais não seria universal; mostrei, então, o exemplo, como o aluno citou, sobre a diferença da língua falada entre Brasil e Argentina. As autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 33) explicam sobre a não universalidade da língua de sinais:

Há quem questione por que as línguas de sinais não são universais, como se esse fato fosse óbvio. Pode-se contrapor tal concepção, argumentando que as mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas se aplicam à diversidade das línguas de sinais.

Vejam a afirmação de Gesser (2009, p. 11), que procura explicar o possível motivo dessa crença:

Uma vez que essa universalidade está ancorada na idéia de que toda língua de sinais é um “código” simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo.

Agora podemos refletir sobre a relação entre o pensamento de que LIBRAS é língua universal e o mito 5, que afirma que as línguas de sinais são apenas gestos amplificados.

Vejamos algumas escritas sobre mito 5.

“A maioria das pessoas acredita que para cada sinal em LIBRAS há uma explicação da origem deste, achando que esta língua teria uma derivação dos gestos dos ouvintes. Na verdade gestos é uma forma errônea de se referir a língua de sinais. Pois gestos acompanham a língua dos ouvintes.”

“As línguas de sinais possuem sinais mais complexos e, na maioria deles, completamente diferentes dos que ouvintes utilizam. Por esse motivo, a comunicação entre ouvintes e surdos é bem mais difícil do que possa parecer.”

“Tem-se a idéia deturpada de que a língua de sinais seria algo como uma mímica padronizada. Ainda que alguns sinais pareçam realmente mímica, grande parte deles são intangíveis aos ouvintes que não conhecem esta língua. Se fosse uma espécie de mímica, não se faria necessário um interprete.”

“Muitas vezes as pessoas acham que sabem a língua de sinais porque sinalizam alguns gestos e sinais ou o fazem através de apontamentos. Para conversar em língua de sinais, não basta conhecer os sinais, precisa-se estudar a gramática da língua.”

“Acreditava que além dos gestos e do alfabeto os surdos poderiam utilizar a linguagem labial e ainda se houvesse alguém sinal que não existisse fariam algum tipo de mímica, hoje vejo que não. Tudo na língua de sinais tem algum sentido, tudo está encaixado em alguma cultura. Não existe linguagem labial.”

“Já vieram me perguntar se Libras era gestos intuitivos usados no dia a dia, no caso: dos ouvintes. E tal pergunta me assustou um pouco, por imaginar o conceito errado que as pessoas tem sobre Libras, elas acreditam que sejam apenas gestos, e não uma língua.”

“Posso desmistificar esse mito com um exemplo no meu dia-a-dia. Tenho um tio-avô que é surdo, e muitas vezes, sem saber LIBRAS, tentei comunicar-me com ele através de sinais mais lógicos para os ouvintes, porém ele não entendeu. Na LIBRAS, por exemplo, há vários sinais que tem a ver ou lembram aquilo que queremos expressar, porém muitos deles não tem a ver. Um exemplo seria o sinal de mãe.”

“Eu mesma, pensava que a língua de sinais era muito mais parecida com os gestos que os ouvintes fazem para se expressar. Quando entrei na disciplina de Libras imaginei que ao menos sinais simples como “oi” seria um abano, como na expressão comum dos ouvintes, mas percebi que a língua de Libras é muito mais complexa.”

“Não está correto, pois os sinais utilizados em LIBRAS, por exemplo, têm origem em questões culturais específicas dos surdos bem como na lógica linguística deles também. O sinal de dia faz analogia ao caminho do Sol para se pôr.”

“As pessoas pensam que é fácil aprender as línguas de sinais por causa dos gestos. Mas seu aprendizado requer demanda tempo e prática, como em qualquer outra língua. A comunicação de língua de sinais tem a parte de assuntos mais abstratos.”

“Diferentemente do que se pensa a língua de sinais não se assemelha em quase nada aos gestos produzidos por falantes do português. Os sinais da LIBRAS são independentes e não surgiram decorrente dos gestos produzidos durante a fala espontânea. Alguns sinais demonstram-se parecidos aos que usamos durante a fala, mas na grande maioria estes sinais não se assemelham a nada do que imaginamos ser o sinal.”

O que se vê nessas respostas?

Vê-se que os alunos falam da descoberta da complexidade da língua e da dificuldade de aprender (“demanda tempo e prática”), do caráter organizado (“tudo encaixado”, “a gramática da língua”) e do caráter convencional (“muitos deles [sinais] não têm a ver”), de uma “lógica linguística” da Libras, se ela é comparada com os gestos que acompanham a língua dos ouvintes. Falam do que aprenderam que não é Libras: “mímica padronizada”, “tipo

de mímica”, uma série de “apontamentos”, “gestos intuitivos”, por exemplos. Inclusive, um aluno de Medicina fez uma dedução lógica deste mito: “Se fosse uma espécie de mímica, não se faria necessário um intérprete”.

Observa-se que bastantes alunos falam sobre uma época anterior em que pensavam que os sinais eram semelhantes aos gestos que ouvintes usam, por isso achavam que aprenderiam fácil. É quando ingressam na disciplina de Libras que descobrem que é um processo mais difícil, já que a língua é realmente complexa. Este tipo de reação também ocorre em outros países. Vejam o que o autor Wilcox (2005, p. 13) explica sobre a relação entre língua universal e “gestos”:

É interessante notar que a maioria das pessoas acredita que a língua de sinais é universal. Talvez isso ocorra porque muitas pessoas pensam erroneamente que as línguas de sinais são baseadas em expressões universais de emoção ou em linguagem corporal. Isso não é verdade.

Também é comum pensar que na língua de sinais não é possível expressar conceitos abstratos e, por isso, seria fácil de aprender. É importante ler a observação de Gesser (2009, p. 23):

...as pessoas que falam língua de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer idéias ou conceitos abstratos. Tal como os falantes de línguas orais, os falantes de língua de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos etc. nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo.

Em relação ao mito 4, vamos ver o que os alunos escreveram:

“As pessoas esquecem-se que Libras é uma língua. E é tão verdade, que pude perceber essa idéia que ao conversar com as pessoas sobre o que estava aprendendo na Cadeira de Libras, muitos se surpreenderam com o conteúdo que a Língua possui, e diziam frases como: “achei que vocês aprendiam alguns sinais parecidos com os objetos”, ou “nossa não sabia que era difícil, achei que fosse mais fácil”... como se não houvesse regras pra delimitar um padrão correto de informações.”

“No horário político em algumas propagandas há um tradutor da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais. Meus familiares me questionaram, visto que faço aula de LIBRAS, se os tradutores conseguiram tão rapidamente formular as frases para a Língua Brasileira de Sinais e traduzir exatamente o que estava sendo dito na propaganda. Eles acreditavam que a Língua de Sinais possuía restrições e, que por consequência disto, era inferior a língua oral em termos de conteúdo.”

“Ao ver algum interprete de surdos na televisão, pensava que a Língua de Sinais era pobre em termos de complexidade e poder de expressão. Acreditava que a cultura surda apresentava limitações na capacidade de se expressar com

piadas e poesias, por exemplo, e que a comunicação entre surdos era de assuntos básicos do dia-a-dia.”

“Acredito que a maioria das pessoas pensam isso, mas a língua de sinais é complexa e profunda quanto as outras línguas. Precisam-se anos de experiência para saber Libras e mesmo assim as vezes ficar difícil conhecer perfeitamente a língua assim como ocorre com o português. Estou tendo bastante dificuldade para aprender Libras em tão pouco tempo de aula por ser uma matéria que exige muito mais carga horária de ensino para ser aprofundada.”

“Muitos pensam que essa língua não apresenta elementos como preposições e conjunções. No entanto, por ser uma língua de modalidade espaço-visual, a Língua de Sinais agrega esses elementos estruturais nos sinais por meio de expressões faciais e corporais. As línguas de sinais podem ser utilizadas para várias funções identificadas na produção das línguas humanas.”

“A língua de sinais é igual a qualquer outra língua, e por isso, não deixa de ser linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral. ... Como exemplo disso, relato as aulas que assisti até o momento. São aulas que exigem atenção, o conteúdo é amplo e a comunicação que há entre a professora e os alunos nos mostra que a língua não é um sistema superficial.”

“É um erro achar que a língua brasileira de sinais é apenas uma versão oralizada da língua portuguesa. Pois as línguas de sinais possuem vocabulário e gramática própria não dependendo da língua oral embora haja semelhanças e aspectos comum entre a língua de sinais e a língua oral falada em determinada região.”

As respostas apresentadas, em grande parte se baseiam na experiência pessoal dos entrevistados e a questão da presença dos intérpretes na TV é bastante citada, o que mostra a importância da televisão na construção das representações das pessoas. Conversas com pessoas próximas e familiares também foram citadas, mostrando que a disciplina de Libras também é comentada fora da sala de aula e como ela mexe com as crenças e concepções dos alunos. Novamente, existem referências que partem da experiência com a disciplina, chegando a ter afirmação sobre o pouco tempo de seu desenvolvimento.

Lembro que as línguas de Sinais foram reconhecidas como línguas pelo linguista americano William Stokoe na década 60, e se concebe atualmente que elas são línguas ricas e estruturadas, nada inferiores à língua falada. É comum que pessoas que conhecem pouco Libras, quando vão trabalhar na Educação de Surdos, às vezes acham que ela é inferior, porque “faltam sinais”... Mas o que acontece é que há outro sinal substituindo o que essas pessoas esperavam ou, mesmo, tem outra tradução cultural do significado em Libras. Sobre a aprendizagem de Libras, nota-se que aluno citou que precisaria mais carga horária para aprender mais em LIBRAS. Geralmente a aprendizagem de Libras leva anos, necessitando de

vários cursos e também convivência com os surdos, não somente cursos. Observem autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 35) que explicam sobre o problema de falar em empobrecimento da língua de sinais:

...muitas pessoas equivocadamente afirmam que o empobrecimento estrutural das línguas de sinais liga-se ao fato de que estas não apresentam, por exemplo, elementos de ligação (tais como preposições e conjunções). Todavia, as línguas de sinais são línguas de modalidade visuoespacial que apresentam uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais.

Um sentimento muito comum na discussão feita foi a surpresa trazida pela própria disciplina. Como afirma uma aluna, “Quando me matriculei para a disciplina de Libras, não fazia idéia do significado da língua, nem ao menos sabia que se tratava de uma língua”. Outro aluno se refere à “aventura de cursar a disciplina de Libras aplicada à Medicina”. Muitos referiram a experiência do conhecimento com surdos e com a disciplina como importantes na sua mudança em relação aos mitos. Outros disseram que anteriormente a essa experiência também tinham as mesmas concepções. É interessante também observar o quanto os alunos fazem referência a preconceitos correntes na sociedade, mencionando palavras como “inferioridade”, pessoa surda “menos inteligente” e “menos capaz”. Houve um consenso de que a falta de conhecimento na sociedade em geral é que tem colaborado para a manutenção de tais mitos, que revelam um ponto de vista exclusivamente baseado nas línguas orais. Um aluno declarou sobre comunicação visual, “Achava que não seria tão difícil aprender LIBRAS, contudo, acredito que para nós, ouvintes, seja mais difícil aprender LIBRAS porque por termos a audição não damos tanta ênfase na comunicação visual quando dialogamos.” Diferentemente de outros cursos de línguas estrangeiras, como de inglês, espanhol, etc., em que as línguas são aprendidas pela audição e fala, o aprendizado de LIBRAS é mais complexo, porque deve ser feito pelo gestual e visual, e as pessoas precisam romper hábitos quando vão aprendê-la. Também vejam outras afirmações:

“Estudar e aprender LIBRAS nos faz entender e respeitar toda a cultura do surdo. Também nos ajuda a desmistificar esses mitos para nós mesmos e para a sociedade.”

“Hoje percebo a importância de saber LIBRAS, deveria ser uma língua aprendida intrínseca ao Português, desde o 1º ano de escola.”

“(...) ao finalizar este trabalho, percebi que muitos mitos ainda existem sobre as línguas de sinais. Mitos que não devem ser considerados preconceitos, mas sim, falta de conhecimento por parte de algumas pessoas. E acredito que um dos nossos deveres, como estudantes de LIBRAS, é desmistificar esses mitos, para aqueles que ainda não reconhecem a língua de sinais como uma língua.”

Fazendo uma relação entre os mitos – que muitas vezes os alunos dizem que acreditavam anteriormente à disciplina – e a sua própria aprendizagem de Libras, alguns deles contam a própria dificuldade que tiveram para aprender sua estrutura, o que comprovou, na prática, que é uma língua estruturada e não apenas um conjunto de gestos. Os alunos também mencionam a importância de eles mesmos esclarecerem a sociedade sobre Libras, já que tiveram a oportunidade de terem cursado a disciplina.

Comentários finais

Após a discussão das respostas dos universitários, pode-se dizer que a análise dos mitos propostos mostrou a importância tanto da inclusão da disciplina de LIBRAS em cursos que preparam futuros profissionais da área da Saúde e outras áreas Educação ou Letras, como a importância de que, dentro da própria disciplina, exista um espaço para a discussão da cultura surda e de concepções adequadas de Língua de Sinais. Apenas o conhecimento dessas questões teóricas, que ajudam o desenvolvimento dos componentes práticos, possibilita uma conscientização dos ouvintes, futuros profissionais, em relação à cultura surda. Também é importante o fato de que esses alunos poderão disseminar novas concepções sobre Libras e surdos. Também observei que os alunos começam ficar atentos após várias aulas de LIBRAS, procurando, por exemplo, no youtube ou outros sites da internet, os sinais para lembrar; descobrem, então, que são diferentes do que aprenderam na aula e, assim, percebem, na prática, que Libras não é universal.

Acredito que o trabalho aponta para a necessidade de um esclarecimento maior à sociedade sobre as características de Libras e sua importância na comunicação com a comunidade surda, assim como sobre o papel do ensino de Libras – não apenas como um código a ser dominado, mas também sobre sua concepção mais completa.

Como última mensagem, é preciso pensar sobre o que Laborit (1994) fala sobre sinais:

Os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos: tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo.

Referências bibliográficas

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. 1a. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LABORIT, Emmanuelle. *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira - Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice; PIZZIO, Aline; REZENDE, Patrícia. *Língua Brasileira de Sinais I, 2009*. Material didático ou instrucional - Curso de Letras - LIBRAS à distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

WILCOX, Sherman. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.